

Letters = Artigos?

Gilson L. Volpato – 08/01/16

Já me perguntaram algumas vezes se uma *Letter* pode ser considerada um artigo científico para fins curriculares. Notem que as pessoas podem publicar *Letters* em revistas de bom nível, às vezes convidadas, às vezes não. Mas o que significa isso? Entra no currículo como artigo ou não?

A resposta me parece simples. Quando falamos em produção científica, estamos falando em geração de conhecimento no sentido de trazer respostas a perguntas ainda não respondidas, ou modificar o status de algumas respostas já existentes. E o cientista faz isso por meio de um texto no qual apresenta evidências (na ciência empírica são fatos considerados válidos e pertencentes ao mundo que se estuda) e sua leitura desses fatos (análises e interpretações) que sustentam alguma conclusão que se pretende seja aceita pela comunidade científica. Como todo conhecimento científico é provisório por natureza, então não estamos discutindo sobre verdades, mas sobre as respostas que a comunidade científica aceita no momento. Mas isso é muito diferente de uma mera opinião, sem fundamentos suficientes, com caráter especulativo. Na ciência, essa é a diferença entre o “eu concluo” e o “eu sugiro” ou “eu acho”.

Agora temos que pensar sobre a natureza do artigo científico. Inicialmente ele veio substituir as cartas que eram trocadas entre cientistas na época em que não havia revistas científicas (iniciadas em 1665) e cujas produções finais eram publicadas mais lentamente por meio de livros. O papel central das cartas era trocar ideias com colegas (com viés, pois eram geralmente pessoas de mesmas linhas teóricas, ou amigas). Mas, espremendo todas essas discussões das cartas, o que sobrava de confiável era finalmente destinado aos livros. Hoje, na maioria das áreas, os artigos substituem em muito os livros como primeira publicação, sendo cada vez mais destinada aos livros a função de apresentação do conhecimento válido resultante dos artigos, geralmente num texto mais explicativo (mais longo), panorâmico e didático.

O que quero reforçar é que esses veículos, mesmo mudando de formato, dão ao artigo científico o valor de publicar as conclusões do autor. Mas não conclusões sem fundamento. Aquelas conclusões baseadas em fortes evidências empíricas (sejam quantitativas ou qualitativas), a partir das quais os autores conseguem descrever algum padrão do mundo em que vivemos (pode ser uma descrição de algo ou alguma relação entre entidades do mundo). Isso vale para toda e qualquer área da ciência empírica, mudando levemente de formato na maioria das ciências formais (lógica e matemática, nas quais a base empírica não é um requisito). Mas certamente não vale necessariamente para a filosofia. Assim, o cientista busca apresentar à sua comunidade conclusões (respostas) a questões ainda em aberto, ou correções de respostas já aceitas, o que faz enormemente pela publicação dos artigos.

Dentro desse prisma, publicações que têm como objetivo “estimular a discussão” nada mais são do que textos especulativos e opinativos, a partir dos quais podemos

levantar outras opiniões, mas não são conclusivos. O conhecimento, para poder ser usado pelo ser humano, precisa ser conclusivo ao menos num certo período e para determinados grupos, de forma que possa direcionar tomadas de decisão. A ciência não busca a verdade, mas as melhores respostas com o que se tem no momento. E foi assim que evoluiu. Lógico que algumas das respostas que temos hoje podem ser verdadeiras, mesmo porque fazem coisas funcionarem, o que nos induz a aceitar que alguma verdade deva haver ali (mas essa verdade não é preocupação do cientista). É nesse contexto que diferencio claramente as *Letters* dos artigos científicos. Lógico que há revistas que publicam artigos científicos puramente especulativos, baseados de que toda discussão é profícua. Mas não é dessas revistas que falo; me refiro aos melhores padrões internacionais do debate científico.

Com isso em mente, veja que se você consegue publicar uma *Letter* na qual conclui algo interessante e sólido (nos termos da verdade científica), mesmo que sem dados originais, mas baseando-se em boa argumentação e até mesmo em informações válidas já publicadas, então ela será igual a um artigo, que necessariamente deve fazer a mesma coisa. Mas se a *Letter* é apenas opinativa, então não tem a mesma participação na construção do conhecimento e difere do artigo, que é o que mais comumente encontramos na literatura (se o autor sente que a *Letter* terá essa força de artigo, já aproveita e faz o artigo). Assim, o importante é o conteúdo e não o formato *Letter* ou artigo. Se numa *Letter* você destruir alguma conclusão de artigo publicado, indicando que a conclusão está errada e que outra deve ser melhor, sua contribuição para o conhecimento foi igual à de um artigo.

Notem que essa diferença que eu apresento não indica que artigos opinativos não tenham importância. Eles estão num ambiente conhecido na lógica como “contexto da descoberta”, no qual opiniões são muito bem vindas para estimularem ideias. Mas não podemos confundir opiniões com conclusões, fixados momento histórico e grupos de cientistas. Mas o outro ambiente do discurso científico é o “contexto da justificação”, onde você demonstra a validade de suas interpretações (conclusões), pretendendo que elas sejam aceitas (ao menos razoavelmente) pela comunidade científica; esta constitui a tarefa primordial do cientista.

0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0